

ISSN 0103-7595

# *Revista Brasileira de Música*

V. 35, N. 1, JAN.-DEZ. 2024



**MEMÓRIA: C. H. HUNSCHE, WAGNER E O BRASIL**

**ARTIGOS: ÓPERA NO BRASIL, CARLOS GOMES, HENRIQUE ALVES  
DE MESQUITA, ELPÍDIO PEREIRA, PE. JOSÉ MAURÍCIO, HEITOR  
VILLA-LOBOS, CURT LANGE ET AL.**

**ENTREVISTA COM ANTONIO ALEXANDRE BISPO**

**HOMENAGEM A ARTHUR MOREIRA LIMA**

**RESENHA: VINCENZO CERNICCHIARO**

**ARQUIVO DE MÚSICA BRASILEIRA: VILLA-LOBOS-VIEIRA BRANDÃO**

PUBLICAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA  
ESCOLA DE MÚSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

## **COMISSÃO EDITORIAL**

João Vidal e Fabio Adour, Editores-Chefes

## **CONSELHO EDITORIAL**

Alda de Jesus Oliveira, UFBA (Brasil)

Antonio Alexandre Bispo, Universität zu Köln (Alemanha) /  
Institut für Studien der Musikkultur des Portugiesischen  
Sprachraumes (ISMPS)

Cristina Capparelli Gerling, UFRGS (Brasil)

Fabrizio Della Seta, Università Degli Studi di Pavia (Itália)

Fausto Borém, UFMG (Brasil)

Ilza Nogueira, UFBA / Academia Brasileira de Música (Brasil)

João Pedro Paiva de Oliveira, UFMG (Brasil)

Juan Pablo González, Universidad Alberto Hurtado (Chile)

Luciana Del Ben, UFRGS (Brasil)

Malena Kuss, University of North Texas (EUA)

Mário Vieira de Carvalho, Universidade Nova de Lisboa (Portugal)

Martha Tupinambá Ulhôa, UNIRIO (Brasil)

Omar Corrado, Universidad de Buenos Aires (Argentina)

Paulo Ferreira de Castro, Universidade Nova de Lisboa (Portugal)

Rafael Menezes Bastos, Universidade Federal de Santa Catarina

Ralph P. Locke, University of Rochester (EUA)

Ricardo Tacuchian, UNIRIO / Academia Brasileira de Música (Brasil)

Robin D. Moore, The University of Texas at Austin (EUA)

Rogério Budasz, University of California (EUA)

Sérgio Luiz Ferreira de Figueiredo, UESC (Brasil)

Silvio Ferraz, USP (Brasil)



ISSN 0103-7595

# *Revista Brasileira de Música*

V. 35, N. 1, JAN.—DEZ. 2024

**EDITORES-CHEFES**

João Vidal

Fabio Adour



PUBLICAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA  
ESCOLA DE MÚSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Fundada em 1934, a **REVISTA BRASILEIRA DE MÚSICA** é reconhecida hoje como o primeiro periódico acadêmico-científico de música do Brasil. Ao longo de suas mais de oito décadas de existência, tem fomentado a produção e a disseminação do conhecimento científico e artístico no campo da música, em diálogo com áreas afins, através da publicação de artigos completos, entrevistas, resenhas, informes e partituras. A *Revista Brasileira de Música* apresenta pesquisas originais refletindo o estado atual de conhecimento na área, atendendo a um espectro diversificado de leitores: de estudantes e pesquisadores da área a educadores, historiadores, antropólogos, sociólogos e estudiosos da cultura em geral. Publicação do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a *Revista Brasileira de Música* veicula textos em português, inglês e espanhol. Em versão eletrônica de acesso gratuito, com periodicidade semestral, de circulação nacional e internacional, a revista está indexada nas bases RILM Abstracts of Music Literature e The Music Index-EBSCO. Em avaliação do Qualis Periódicos (2017–2021), a *Revista Brasileira de Música* foi classificada no estrato A3. Maiores informações sobre a revista no sítio eletrônico <https://revistas.ufrj.br/index.php/rbm/index>.

**ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA:** Programa de Pós-Graduação em Música, Escola de Música da UFRJ: Av. República do Chile, 330, Torre Leste, 21º andar, Rio de Janeiro-RJ, Brasil, CEP 20.031-370. E-mail: [revista@musica.ufrj.br](mailto:revista@musica.ufrj.br).

**PRODUÇÃO, REVISÃO, PROJETO, DIAGRAMAÇÃO E TRATAMENTO DE IMAGENS:** Os Editores.

**CAPA, CONTRACAPA E ADORNOS:** *Motivo dos índios do Rio Negro* (extraído do volume da *Revista Brasileira de Música* comemorativo do centenário de Carlos Gomes em 1936, p. 191 e 195).

R454 Revista Brasileira de Música / Universidade Federal do Rio de Janeiro,  
Escola de Música, Programa de Pós-Graduação em Música. — v. 1,  
n. 1 (mar. 1934). — Rio de Janeiro : EM / UFRJ, 1934 —.

Trimestral: 1934 — 1938 (v. 1 — v. 5)

Anual: 1939 (v. 6)

Trimestral: 1940 / 1941 (v. 7)

Anual: 1942 — 1991 (v. 8 — v. 19)

Irregular: 1992 — 2002 (v. 20 — v. 22)

Semestral: 2010 — 2020 (v. 23 — v. 33)

Anual: 2021.2024 (v. 34 — v. 35)

ISSN: 0103-7595

1. Música — Periódicos. 1. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Música. Programa de Pós-Graduação em Música.

CDD — 780.5

Os pontos de vista expressos nos textos publicados na *Revista Brasileira de Música* são de inteira e exclusiva responsabilidade de seus autores, não refletindo obrigatoriamente a opinião dos Editores ou dos membros do Conselho Editorial.

# Sumário

## **EDITORIAL**

- 9, 21 *A Revista Brasileira de Música nos seus 90 anos /  
The Brazilian Journal of Music on its 90th Year*

## **MEMÓRIA**

- 35 *Richard Wagner e o Brasil  
Carl Heinrich Hunsche*
- 73 *Carlos Henrique Hunsche em torno de Wagner no contexto  
das relações político-culturais Brasil-Alemanha, 1933–1945  
João Vidal*

## **ARTIGOS**

- 125 *Duas estreias precoces: óperas de Donizetti e Mercadante  
no Rio de Janeiro do Primeiro Reinado (1828–1831)  
Fernando Santos Berçot*
- 147 *Entre música e textos: memória e representação de Carlos  
Gomes através da “Sociedade Symphonica Campineira”  
Mariana de Oliveira Candido, Lenita Waldige Nogueira*
- 173 *Cinco compositores brasileiros em perspectiva transnacional:  
ensaios sobre a música brasileira dos séculos XIX e XX  
Antonio Alexandre Bispo*

- 227 A publicação do sexto volume do *Boletín Latino-Americano*  
no Brasil: contextos, redes e enredos  
*Edite Rocha, Natália Braga*

#### **ENTREVISTA**

- 273 Por uma musicologia culturalmente orientada:  
depoimento de Antonio Alexandre Bispo  
*João Vidal, Edite Rocha*

#### **HOMENAGEM**

- 345 Arthur Moreira Lima: eulogia por ocasião da concessão do  
título de *Doutor Honoris Causa* pela UFRJ  
*João Vidal, Giulio Draghi, Maria José Di Cavalcanti*

#### **RESENHA**

- 361 Entre tradição e modernidade: Vincenzo Cernicchiaro  
e a *História da música no Brasil*  
*Mário Videira*

#### **ARQUIVO DE MÚSICA BRASILEIRA**

- 381 Notas introdutórias aos *Estudos* n.<sup>os</sup> 1, 2 e 6 para violão  
de Villa-Lobos em transcrição para piano solo  
de José Vieira Brandão  
*Giulio Draghi, João Vidal*
- 397 *Estudos* n.<sup>os</sup> 1, 2 e 6  
*Heitor Villa-Lobos-José Vieira Brandão*

# *Editorial*



›REVISTA BRASILEIRA DE MÚSICA‹, V. 35, N. 1, JAN.–DEZ. 2024  
PUBLICAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA  
ESCOLA DE MÚSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO





## *A Revista Brasileira de Música* nos seus 90 anos

O número da *Revista Brasileira de Música* que apresenta-se nesta ocasião tem seu foco direcionado — como não poderia deixar de ser no volume comemorativo de seus 90 anos de criação — à História da Música no Brasil e a Pesquisa Musical Brasileira. Não trata-se, porém, de uma amostra abrangente das atuais discussões, temas e métodos no campo da musicologia histórica tal como praticada no país, o que demandaria um esforço de natureza muito distinta e um volume de dimensões muito maiores, dada a expansão e diversificação de interesses verificadas na disciplina nas últimas décadas. Ao contrário, a presente edição oferece uma abordagem mais particular, muito embora o escopo das discussões assim ensejadas revele-se também consideravelmente amplo.

Em primeiro lugar, perpassa pelos textos do presente volume, em especial nas seções “memória”, “artigos”, “entrevista” e “resenha”, um debate em torno da própria historiografia musical brasileira, que não se pretendeu nem exaustivo, nem categórico em suas conclusões. Trata-se de contribuições no sentido de uma “pesquisa sobre a pesquisa”, cuja necessidade no atual estágio de desenvolvimento da musicologia no Brasil foi já reconhecida por outros autores e em fóruns diversos. Por exemplo, e mais recentemente, por Lia Tomás em seu livro *“Leituras de Brasil” nas pesquisas acadêmicas da área de música*, publicado em 2020 pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música (ANPPOM).<sup>1</sup> Nele, são explorados e avaliados os resultados decorrentes do fomento,

<sup>1</sup> Lia Tomás, *“Leituras de Brasil” nas pesquisas acadêmicas da área de música (Série Pesquisa em Música no Brasil, v. 8)*. Pelotas: ANPPOM, 2020.

pela associação (e segundo os objetivos políticos traçados desde a sua criação em 1998), das “temáticas brasileiras”, com especial foco nos conceitos a elas subjacentes. Trata-se aqui, segundo nos parece, em nas palavras de Antonio Alexandre Bispo (personalidade que marca presença no volume, e como veremos em múltiplas capacidades), “[d]o reconhecimento de que os estudos culturais, e entre eles também aqueles voltados à música, devem ser conduzidos em estreito relacionamento com os estudos da própria ciência (*science of science*)” (Bispo, 2022, p. xiv<sup>2</sup>). Ora, parece-nos claro que tal “*science of science*” oferece-se hoje como saída para alguns dos dilemas enfrentados pela musicologia histórica brasileira (algo a propósito bem mais palpável que uma “música brasileira”, discussão aliás que emergirá ao longo deste volume). Como sustenta Bispo a propósito de Vincenzo Cernicchiaro, e desejamos aqui ampliar o princípio para abranger o conjunto dos autores mais destacados da historiografia musical brasileiros, “o próprio autor como musicógrafo deve receber especial atenção nas suas inserções em correntes do pensamento e [...] o panorama histórico-musical que apresenta não pode ser dele dissociado” (ibid.). Ao comentar sobre a forma como “a tradição musicológica [...] que possuíamos até os anos 1980” seria “composta por narrativas históricas semi-romantizadas, propensas ao estilo literário, pouco fidedignas no uso de fontes e que fora escrita por um conjunto de intelectuais comprometidos ideologicamente com um ideário datado”, Lia Tomás vê-se diante do que denomina um “nó górdio”: “como construir um discurso científico sobre a música erudita brasileira tendo como referência *uma literatura não científica?*” (Tomás, 2020, p. 52–53, grifo nosso).

Mas não seria uma solução para o dilema lançar sobre tal *corpus* — caracterizado por Arnaldo Contier, no livro de Tomás, como “romântico-positivista” (ibid., p. 39) — um olhar redobradamente *crítico*, sem cobrar ou esperar de seus autores o que não pode ser cobrado ou espe-

<sup>2</sup> Antonio A. Bispo, “Apresentação”, in: Cernicchiaro, Vincenzo. *História da música no Brasil: dos tempos coloniais aos nossos dias (1549–1925)*. Edição crítica, tradução, introdução e notas por Giulio Draghi e João Vidal. Rio de Janeiro: Ricercare Editora e Fundação Biblioteca Nacional, Coordenadoria de Editoração, 2022.

rado, e incluindo sua própria historicidade no escopo da pesquisa? Em outras palavras, praticar em relação a eles uma “*science of science*”, que, neste caso, equivalerá a compreender esta literatura como resultado cada qual de um momento histórico particular, sempre no imbricamento de um tempo e lugar específicos? Cremos que sim. Valeria portanto retornar à máxima do historiador inglês Edward H. Carr: “*Before you study history, study the historian*”! Neste sentido, como se verá, comparecem ao volume em mãos, atravessando quase a totalidade das contribuições apresentadas, personalidades como Guilherme de Mello, Vincenzo Cernicchiaro, Renato Almeida, Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, Vasco Mariz e Antonio Alexandre Bispo, dentre outros ainda, geralmente considerados de maneira a tornar evidente sua posição na tradição musicológica brasileira.

E é isso o que se faz também na seção “memória” em relação a Carlos Henrique Hunsche, autor de um ensaio *Richard Wagner und Brasilien* publicado pelo *Ibero-Amerikanisches Archiv* do *Ibero-Amerikanisches Institut* de Berlim em outubro de 1939. Como explica o tradutor João Vidal, por Hunsche foram apresentadas, nesta publicação e pela primeira vez, fontes relativas aos contatos do jovem intelectual brasileiro Ernesto Ferreira França Filho com o compositor Richard Wagner, exilado então em Zurique. Trata-se da correspondência mantida por ambos em 1857, na qual é discutida uma eventual viagem de Wagner ao Rio de Janeiro, onde teria lugar a estreia, em língua italiana, da ópera *Tristan und Isolde*, marco não apenas na obra do compositor, como também da música ocidental. (Com vistas a propiciar maior acesso ao conjunto documental, apresenta-se aqui não apenas a primeira tradução integral das cartas redigidas em francês e alemão, mas também uma tradução comentada do ensaio que as precede, escrito originalmente em alemão pelo autor, Hunsche, que é brasileiro.) O episódio reveste-se de muitos significados, histórico-musicais e até mesmo políticos, o que não passou despercebido aos comentadores que, no âmbito da pesquisa musical brasileira, trouxeram ao conhecimento do público a existência da publicação de Hunsche e debruçaram-se sobre a sua contribuição como subsídio para uma imagem

I I

mais abrangente das interlocuções do Imperador D. Pedro II com o campo da cultura, no Brasil e no exterior. No entanto, pouca ou nenhuma atenção foi dirigida, na recepção de *Richard Wagner und Brasilien*, à figura do próprio Hunsche, que com seus enunciados insere-se em processos político-culturais de mais amplas dimensões. Quem é Hunsche, e porque diz o que diz, no momento e no lugar em que o faz, e com que interesses: é o que Vidal procura esclarecer no artigo-comentário *Carlos Henrique Hunsche em torno de Wagner no contexto das relações político-culturais Brasil-Alemanha, 1933-1945*, que segue-se à tradução do ensaio de Hunsche e da correspondência de Ferreira França Filho e Wagner.

Para este fim, o autor explora tanto as origens de Carlos Henrique Hunsche no contexto da imigração alemã no Sul do Brasil (da qual aliás comemora-se, em 2024, os duzentos anos), quanto a sua inserção em instituições estatais e de pesquisa da Alemanha em um dos mais cinzentos períodos de sua história, a era nazista. Para tanto, apresenta-se não somente uma revisão da literatura, mas também resultados de pesquisas conduzidas no *Geheimes Staatsarchiv* de Berlim, instituição custodiadora da maior parte da documentação referente ao *Ibero-Amerikanisches Institut* de Berlim do período nacional-socialista. A contextualização do autor na muito estudada “constelação” Wagner-Bayreuth-Hitler, somada às discussões acerca de recepção de Wagner no Brasil do século XIX e do wagnerismo de compositores brasileiros como Leopoldo Miguéz e Alberto Nepomuceno — debate aberto por Hunsche e perseguido por Vidal em suas ramificações historiográficas sobretudo — oferece talvez um exemplo de como a abordagem acima descrita, nas linhas de uma “*science of science*”, pode ser capaz de revelar nexos e quadros amplos para além da (simplificadora) dicotomia “nacional-internacional”. Para além disso, revela-se nos artigos de Hunsche e Vidal o potencial e a urgência da condução de pesquisas não somente em arquivos brasileiros, mas também e naqueles sediados fora do país, e por vezes nos locais menos prováveis. Pesquisas, acrescente-se, que demandarão a constituição de grupos de redes de pesquisa colaborando, inequivocamente, com os anelos de inter-

nacionalização que perpassam as políticas públicas para o Sistema Nacional de Pós-Graduação, nos últimos anos mais enfaticamente.

Tal perspectiva, que mais do que “internacional” desejaríamos chamar “transnacional”, marca também a maior parte das contribuições na seção “artigos” do volume. A ópera no Brasil, tratada por Hunsche e Vidal em suas vinculações com a Alemanha e Wagner, é tratada nos dois artigos que seguem na revista em suas relações com a Itália e seus mais destacados compositores. Em *Duas estreias precoces: óperas de Donizetti e Mercadante no Rio de Janeiro do Primeiro Reinado (1828–1831)*, o historiador Fernando Santos Berçot direciona a atenção para a atividade teatral na capital do Império no Primeiro Reinado. O autor disserta sobre a introdução de obras de Gaetano Donizetti e Saverio Mercadante junto a um público “já bastante familiarizado com o repertório de Gioachino Rossini”, sublinhando porém como a instabilidade política e econômica do Brasil nos anos seguintes à Independência constituía uma ameaça ao funcionamento do Imperial Theatro São Pedro de Alcântara e da Companhia Italiana. No artigo de Berçot, pesquisas conduzidas no Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro e no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro colaboram para a apresentação de dados biográficos de alguns dos artistas estrangeiros que circulavam pelos itinerários operísticos sul-americanos da época (o que reforça, assim, a noção de que muito há o que se revelar, na pesquisa musical brasileira, em arquivos não estritamente “musicais”).

O artigo seguinte, *Entre música e textos: memória e representação de Carlos Gomes através da “Sociedade Symphonica Campineira”*, de Mariana de Oliveira Candido e Lenita Waldige Nogueira, trata por sua vez de Carlos Gomes, o mais célebre compositor brasileiro do século XIX, inteiramente dedicado à tradição operística italiana. Coloca-se em questão aqui o conceito de “representação”, e com isso a “imagem de artista” de Gomes. A memória de Carlos Gomes é investigada no artigo em sua relação com a cidade natal de Campinas, processo no qual um papel de destaque é cumprido pela Sociedade Symphonica Campineira e pela

orquestra sinfônica local, em repertórios e textos postos em circulação naquele contexto.

A característica definidora dos dois textos anteriores, ou seja a articulação de eventos de nível local com contextos e processos de âmbito internacional, marca também o que segue no volume. Trata-se agora da republicação, em bloco, de quatro artigos de Antonio Alexandre Bispo originalmente dados na *Revista Brasil-Europa: Correspondência Euro-Brasileira*. Sob o título geral *Cinco compositores brasileiros em perspectiva transnacional: ensaios sobre a música brasileira dos séculos XIX e XX*, apresenta-se aqui personalidades musicais brasileiras em sua inserção em contextos internacionais de atuação, reflexão e pesquisa, no contexto do dinâmico trânsito de concepções e tendências estéticas e técnicas que caracteriza muito da história da música no Brasil. Inicialmente, Henrique Alves de Mesquita e Elpídio de Brito Pereira são revelados em suas conexões com a França e mais especificamente com Paris. A seguir, Carlos Gomes é novamente abordado; apresentado agora através das lentes muito particulares de Vincenzo Cernicchiaro, Gomes é visto assim desde “uma posição italiana e ítalo-brasileira”. Fechando o bloco de Bispo, José Maurício Nunes Garcia e Heitor Villa-Lobos são considerados no âmbito dos estudos das relações Alemanha-Brasil e Áustria-Brasil abrangidas nos “diálogos euro-brasileiros” promovidos pela *Akademie Brasil-Europa* e pelo *Institut für Studien der Musikkultur des portugiesischen Sprachraumes* (ISMPS) dirigidos por Bispo.

14

Os dois primeiros textos apresentam resultados do ciclo de estudos dedicados às relações França-Brasil e Brasil-França realizados em diferentes cidades francesas no ano de 2009, ocasião em que foram lembradas preocupações relativas aos estudos culturais franco-brasileiros remontando à época da fundação da sociedade Nova Difusão (1968), dedicada à renovação dos estudos culturais; os dois últimos, de 2016 e 2017, relacionam-se a reflexões retrospectivamente dirigidas, rememorando eventos relacionados sobretudo aos 50 anos da publicação da *Storia della musica nel Brasile* de Vincenzo Cernicchiaro em 1976 e ao centenário de Villa-

-Lobos em 1987. Nos quatro ensaios, revela-se em plenitude a orientação metodológica do autor, definida como “antropológico-cultural” e “teórico-cultural”, em perspectiva “musicológico-cultural” e “histórico-musical”. Como dirá Bispo, na entrevista que integra também o volume que ora se apresenta, está implicado aqui “[o] desenvolvimento de uma *musicologia de orientação segundo processos culturais* e, reciprocamente, de *estudos culturais de condução musicológica em contextos globais, supra-nacionais*” (p. 298 do presente volume). *Last but not least*, esta eloquente amostra da produção de Bispo revela ainda o potencial de Cernicchiaro para a pesquisa musical brasileira — consoante, como já referido, uma abordagem crítica, contextualizadora de suas proposições, articuladas portanto a “preocupações relativas ao nacional e ao universal nos estudos culturais” e, assim, plenamente conscientes de que “a literatura e a tradição do pensamento nacionalista levavam a problemas historiográficos e de interpretação na pesquisa empírica [...] [e isso em razão da] perspectiva da história resultante de uma referência em situação político-cultural, ideológica e estética dos anos posteriores à Primeira Guerra e da década de 1930” (Bispo, p. 217 deste volume).

Esta última constatação de Bispo parece preparar adequadamente o terreno para a contribuição seguinte no volume. Concluindo a seção “artigos”, Edite Rocha e Natália Braga apresentam, em *A publicação do sexto volume do Boletín Latino-Americano no Brasil: contextos, redes e enredos*, uma análise da atuação do musicólogo teuto-uruguaio Francisco Curt Lange no país nas décadas de 1930 e 40, nos anos da Era Vargas portanto, período marcado por um imbricamento de política e cultura não muito diferente daquele observado por Vidal na Alemanha a propósito do também “teuto” Carlos Henrique Hunsche e suas elocubrações wagnerianas. Tendo concebido um *Boletín Latino-Americano de Música*, e feito este notável empreendimento musicológico ser abraçado por países como Uruguai, Peru, Colômbia e Estados Unidos, Curt Lange deseja dedicar o sexto volume da publicação ao Brasil. Para lograr seu intento, porém, Lange deverá envolver-se em toda uma “rede de sociabi-

lidade de intelectuais e músicos [brasileiros] da primeira metade do século xx”, rede no centro da qual emerge, como figura dominante, aliada ao poder político do momento, a memorável personalidade de Villa-Lobos. Com base em pesquisa documental minuciosa realizada no Acervo Curt Lange da UFMG, as autoras revelam contextos, redes e enredos em torno da idealização do sexto e último volume do *Boletín* de Lange, da sua formalização, dos processos de organização e edição, da projeção de volumes posteriores e finalmente dos impactos dos “bastidores” na descontinuidade da publicação.

16

A abordagem, definida pelas autoras como *praxeologia musicológica*, pouco ou nada se distancia de uma “*science of science*” tal como há pouco propugnada. Com isso, revela-se a atuação de Lange como potente articulador no universo musicológico brasileiro da época, ainda escassamente consolidado, razão pela qual tomavam parte nele uma ampla gama de perfis — de críticos, historiadores, músicos e compositores, como Eurico Nogueira França, Renato Almeida, Adhemar Nóbrega, Villa-Lobos e Lorenzo Fernández, a personalidades políticas e literárias como Getúlio Vargas, Gustavo Capanema, Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira, entre outros. Muito apropriadamente, para este volume, o episódio sobre o qual debruçam-se Edite Rocha e Natália Braga — e que segundo as autoras “poderíamos perfeitamente transpor para tantos outros episódios da nossa atualidade”, no que estão cheias de razão — tem suas origens relacionadas precisamente à *Revista Brasileira de Música* no momento de sua fundação. Foi a convite de Luiz Heitor que Curt Lange veio ao Brasil pela primeira vez, em 1934, para proferir conferência sobre o tema do “Americanismo Musical” no Instituto Nacional de Música (atual Escola de Música da UFRJ). No ano seguinte, publicaria o ensaio correspondente no segundo volume da revista (v. 2, jun. 1935; o texto foi republicado, seguido de artigo-comentário de Cesar Buscácio e Virgínia Buarque, na seção “memória” do v. 32, n. 2, jul.-dez. 2019, da mesma *Revista Brasileira de Música*). Como Edite Rocha e Natália Braga bem esclarecem, a visita ao Rio em 1934 representou para Lange também



a oportunidade de conhecer e estreitar laços com Mário de Andrade, personalidade igualmente marcante nos estudos musicais brasileiros, e que participa de modo nada insignificante nos primeiros momentos do projeto de um volume do *Boletín Latino-Americano de Música* dedicado ao Brasil.

À seção “artigos” segue-se uma alentada e inédita entrevista com Antonio Alexandre Bispo conduzida por João Vidal e Edite Rocha, onde uma retrospectiva de uma longa carreira acadêmica, musical e musicológica, desdobra-se naturalmente em considerações sobre o momento atual da pesquisa musical no Brasil e na Alemanha, onde Bispo reside e atua há meio século. Permeiam a entrevista nomes que fizeram (e seguem fazendo) a história da musicologia nos dois países, como Heinrich Hüsch, Karl Gustav Fellerer, Cleofe Person de Mattos, Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, Martin Braunwieser, Jaime Alves Diniz, Dulce Martins Lamas e Mercedes Reis Pequeno, além do já mencionado Francisco Curt Lange, entre outros. Por tal razão, a rememoração da convivência de Bispo com tais personalidades — seja em um nível pessoal, seja em contatos mais propriamente profissionais, ou ainda no contexto de projetos de publicações e eventos marcantes para a área — termina por constituir o que podemos considerar um importante depoimento sobre a própria evolução da musicologia nos dois países. A orientação metodológica de Bispo, acima referida, surge em tal depoimento concretizada em sua “multidimensional” atuação e obra musicológica. Trata-se de um depoimento, portanto, de grande relevância, no atual estágio da disciplina no Brasil, em especial para as mais jovens gerações de pesquisadores do país.

Em *Arthur Moreira Lima: eulogia por ocasião da concessão do título de Doutor Honoris Causa pela UFRJ*, na seção “homenagem” deste volume, apresenta-se o relatório elaborado por João Vidal, Giulio Draghi e Maria José Di Cavalcanti com vistas à concessão do referido título e reconhecimento pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, aliás aprovada por unanimidade em todos os colegiados universitários por que necessariamente passou. Passando em revista, como dizem os autores,

“não apenas uma longa, meritória e exitosa carreira artística como foi a dele, mas também, e por força das singulares e mesmo surpreendentes circunstâncias através das quais Moreira Lima a construiu, quase um século de história do piano, da arte, da cultura brasileira e da política em escala nacional e global”, o texto pretende-se como uma síntese da trajetória do pianista. A concessão do título de *Doutor Honoris Causa* a Arthur Moreira Lima ocorreu em Sessão Solene do Conselho Universitário da UFRJ no dia 24 de setembro de 2024, apenas pouco mais de um mês antes de seu falecimento, aos 84 anos de idade, em Florianópolis, Santa Catarina.

18

Na seção “resenha”, Mário Videira tece importantes considerações acerca do lançamento da muito aguardada tradução para o português da *Storia della musica nel Brasile: dai tempi coloniali sino ai nostri giorni (1549–1925)* de Vincenzo Cernicchiaro, obra clássica da historiografia musical brasileira que, como já indicado, faz-se presente ao longo de diversas contribuições anteriores no presente volume. Videira debruça-se sobre a edição crítica, traduzida, comentada e introduzida de Giulio Draghi e João Vidal, publicada em 2022 pela Ricercare Editora em regime de coedição com a Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Tomando como ponto de partida o contraste percebido entre a *Storia della musica nel Brasile* de Cernicchiaro e a *História da música brasileira* de Renato Almeida, obras publicadas quase simultaneamente em 1926, Videira retoma um tema de vital importância para a musicologia brasileira, em geral, e para o presente volume da *Revista Brasileira de Música*, em particular: a sutil mas fundamental distinção entre uma história da música *no Brasil* e uma história da *música brasileira* — debate há muitos anos iniciado por Bispo e rememorado por Draghi e Vidal, mas cujos precedentes podem ser traçados já no trabalho de Curt Lange e, mais amplamente, na filosofia da história da música de Carl Dahlhaus. (Note-se, a este propósito, que Luiz Heitor acertadamente houve por bem fazer, do primeiro periódico científico-musical do país por ele criado em 1934, uma “revista *brasileira*”, mas não “de *música brasileira*” —

sem dúvida um ponto de partida conceitualmente sólido.) Destacando a seguir momentos-chave da recepção de Cernicchiaro no século xx, e articulando em torno de sua obra os conceitos de “tradição” e “modernidade”, Videira leva o leitor a compreender não apenas a importância do livro, mas também seu potencial para “contribuir para o fomento de novas possibilidades de pesquisa, abordando questões tão diversas como investigações sobre redes de sociabilidade, repertórios e práticas culturais ítalo-brasileiras, intersecções entre música, raça e gênero, além do estudo das práticas musicais populares em contextos urbanos do século xix”.

Na seção “Arquivo de Música Brasileira”, finalmente, apresenta-se a edição de três dos *Doze Estudos* para violão solo de Heitor Villa-Lobos em transcrição para piano solo de José Vieira Brandão. Ao contrário das transcrições pianísticas dos *Cinco Prelúdios*, publicadas por Vieira Brandão junto à Max Eschig, editora longamente associada a Villa-Lobos, a transcrição da série completa dos *Doze Estudos* para violão foram trazida à luz apenas em 2017. Como atestam os manuscritos, o trabalho de Vieira Brandão nos estudos de Villa-Lobos foi empreendido de maneira rápida e em fase tardia de sua vida: iniciado em 1994, foi concluído apenas dois anos depois. A descoberta da coleção deveu-se a pesquisas conduzidas no acervo da família Vieira Brandão por Alexandre Dias, diretor Instituto Piano Brasileiro, e levou finalmente ao oferecimento do conjunto, pelos herdeiros de Vieira Brandão, a Giulio Draghi para pesquisas, edição e divulgação em publicações e concertos. Nesta edição da *Revista Brasileira de Música* são apresentados os *Estudos* n.ºs 1, 2 e 6, parte portanto do trabalho de edição da integralidade da série realizada como projeto de Pós-Doutorado entre 2022 e 2023 no Programa de Pós-Graduação em Música da UFRJ, no âmbito do Grupo de Pesquisa “Núcleo de Pesquisas em Edição Musical da UFRJ”.

Finalmente, cumpre saudar o professor Antonio Alexandre Bispo como mais recente integrante do Conselho Editorial da *Revista Brasileira de Música*. Por sua inestimável colaboração também na elaboração do presente volume, sinceros agradecimentos lhe são devidos, e aqui estendi-

EDITORIAL

dos, pela ajuda igualmente fundamental, a Edite Rocha, Fernando Santos Berçot, Rafael Miranda e Alexandre Dias.

OS EDITORES-CHEFES.

